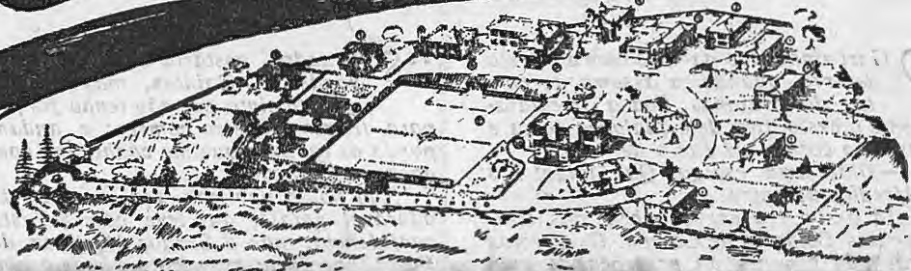




O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Porto

PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares

R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

A Nossa Capela

Recado aos assinantes que não pagaram

COSTUMAM afirmar os estudiosos, a pontos de ser já lugar comum, que os nossos descobridores faziam-no mais por dilatar a fé do que o Império, e daí vem que plantavam a Cruz nas terras que descobriam a dizer ao mundo aqui é Portugal. Ninguém sabe hoje descrever os sentimentos daqueles soldados de Cristo, nem a história os relata. Experiências não se transmitem, mas renovam-se.

Ora nós andamos presentemente ocupados em descobertas e conquistas. A Obra da Rua, mais por dilatar o cristianismo do que o Império, deixa ficar o Padrão nas terras por onde passa. Ficou um em Miranda do Corvo; vamos lançar outro em Paço-de-Sousa.

Dois terços dos assinantes já disseram que sim, mas enquanto não responderem todos, consideramos imperfeito o serviço da cobrança. Ora «O Gaiato» é um jornalsinho que tende à perfeição. É nossa intenção receber alguma coisa de todos a quem se manda o jornal. Ninguém se considere imune. Não há passaportes diplomáticos. A Biblioteca da cidade dos doutores não pode alegar decretos; ela não é mais fidalga do que os mais. O Gaiato está fora e acima das leis; não contra. Aqui se deixa o recado. Também não queremos permutar. Não se nos dá nada do que o mundo diz de nós.



Herlander, o Maior do Lar de Coimbra; Sérgio, o Maior da Casa de Paço-de-Sousa; Zé-Maria, em representação do Maior da Casa de Miranda, fazem cair a pedra no seu lugar.

A nossa divisa, ainda não é conquista total. Há muitos que duvidam. Obra dêles, (Rapazes) por êles, para êles não tem por enquanto guia de livre trânsito. Porém, como já contamos um número considerável de fiéis, vai aqui para êles, o relato de como se procedeu ao lançamento da primeira pedra da capela da nossa Aldeia.

Muita atenção:

Veic o organista da Casa de Miranda (é cego) com dois cantores. Estes bem depressa ensinaram outros, de sorte que, no dia da festa, tôdos eram mestres e cantaram a Missa De Angelis sem um senão.

Isto foi no dia 8 de Agosto. Tôda a Comunidade com seus fatos domingueiros. Todos os operários, com os do trabalho. Uma hora depois, estavamos todos no cimo da aldeia e local onde a capela vai ser erguida. Os Gaiatos subiram a ladeira em deliciosa desordem, cada um de seu tamanho, nenhum do mesmo feitio, fatos e côres desiguais, que esta é a iguldade univoca em que nos radicamos, cópia fiel da Natureza. Ele até há diferença de estrela para estrela!

Daí a nada, silencio. O Mestre de obras é chamado para indicar a pedra. O sol é temperado; o dia alegre. A multidão dos pequeninos Párias sabe e sente que vai ser resgatada pela Cruz. É chamado o Sérgio, o Maior da Casa de Paço-de-Sousa. É chamado o Zé Maria,

o ex-larápio de carteiras!, que traz procuração e representa o Maior da Casa de Miranda. É chamado o Herlander, o Maior do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios de Coimbra. São chamados os grandes da Nação, a esperança de um Portugal melhor!

São chamados os magnânimos, desejosos de perdoar ao mundo que os deixa cair, por amor da Cruz que ora levantam!

A pedra estava a uns metros retirada do sitio. Herlander e Sérgio tiram o casaco; Zé Maria já estava sem êle. Os três Rapazes puxam: viram e reviram, até ela cair no chão, para que seja a espinha dorsal da obra dêles.

Isto foi tal-qual se passou e do simples relato se nota que as Casas do Gaiato estão remando contra velhas correntes e praxes, em festas desta natureza. O simbolo cede à realidade. Não veio o senhor botar a colherada de cal, nem a menina cortar a fita. Há, sim, o braço forte de rapazes fortes, a trambolhar o calhau para o seu sitio, absolutamente senhores de si, donos do que é seu, na casa dêles. Em lugar dos discursos do estilo, houve trez duzias de foguetes lançados pelo Ambrósio e a pequenada a correr atrás das canas. Em substituição do classico porto de honra, houve uma sopa grossa de abóbora e vagens, um prato de vitela com batatas novas, uma fatia de pão do nosso milho, um pires de arroz doce e uma caneca de vinho, a fazer bigodes. Tudo isto cosinhado pelos nossos, servido pelos nossos, saboreado e discutido pelos nossos; obra dêles, por êles, para êles.

No final ouviram-se os vivas, nascidos dentro dêles e puxados do coração, sem rótulos nem encomendas;—coisas grandes, filhas do sentimento, notas vivas e alegres, que só êles sabem dar, uma vez que compreendam o seu estado racional de pessoas livres, de que se podem fazer futuros homens de bem. E desta arte, com as armas da justiça e de verdade, no meio da inglória e da infâmia, que vem a ser o natural sim e não da ignorância, caminha a Obra da Rua pela estrada da angústia, que êle nunca houve no mundo outra diferente para as obras que deixam ficar atrás de si a sua marca.

|||

Estamos averiguados da capela. Quanto à enfermaria, temos presentemente a pedra feita, apenas esperamos pelo último retoque do architecto, depois do que se vai levantar o edificio. Falta-nos a casa das oficinas. Excelentísimos Senhores Leitores. Homens de inteligência e de coração; trabalhai para dar um dote condigno a cada um dêstes pequeninos desherdados! Eles começam a mostrar a sua vocação, a pedir um ofício;—querem trabalhar. A nossa quinta não pode ocupar todos os braços. Espero na volta a resposta a êste meu apêlo. Não há tempo como a hora presente. Esta palavra agora é, até, o único momento a que podemos chamar nosso. Ontem já foi. Amanhã talvez não seja. Infeliz povo que deixa correr nos dicionários o preguiçoso amanhã!

Noticias

Diversas

O Gari vinha dos campos com um cesto de erva, quando eu assomo às portas da cozinha. Pousa imediatamente o cesto, tira dele qualquer coisa e desata a correr até junto de mim.

—Olhe uma espiga. Que linda! E o Alfredo traz outra.

Já assim era em Coimbra, nos tempos das Colónias de Campo. Os garotos ardem de espanto na presença de uma espiga de milho! A inocência da espiga, fere naturalmente a inocência das crianças. Não é verdade que toda a criação nasce boa, nem tão pouco é verdade que toda a criação nasce má. Ela é um composto de mistério nas mãos dos educadores. Quanto mal não se pode destruir ao ser de uma delas, com a presença de uma espiga viva — quantos! Senhor dos Céus, Beleza Incrédula, ainda que eu não colha mais nada nesta obra a que me devotei, —basta-me o desejo espontâneo do Gari, de que eu seja participante da sua infinita alegria: — olhe que linda!

A passarada deu nos nossos campos mais temporões, com grave prejuízo das espigas. Nomeou-se um guardião e falou-se na necessidade de um chocalho.

Imediatamente se levantaram o Amadeu e o Domingos e o Mondim, os três refectores, que foram desenterrar de um armário velho os restos de uma antiga filarmónica.

—Pronto. Toma lá para enrotar. O João tomou conta dos pratos, deu all as primeiras notas e seguiu a combater o inimigo: — Eh passarada, que comelis tudo e não deixas ficar nada! Desde aquela hora, andam os ares atoados, mal las nossas cabeças.

OLHE, olhe, olhe. Era o Carlos de Tabua, o cozinheiro-chefe, a tirar a mão de um dos muitos buracos das paredes interiores da casa que ora habitamos, melhor—casarão.

—Ainda lá ficaram mais dois! Que havia de ser? Um ninho de pardal!

“SIM, padre, gostaria de ir ao Pôrto vender «O Gaiato», mas por enquanto sinto que não tenho forças para trazer dinheiro comigo; e andam por lá os rapazes que me conhecem, com quem eu rouhava!”

Não posso publicar aqui o nome do adorável gaiato, que teve comigo esta confidência, mas o Senhor Martinez do Pôrto sabe de quem se trata e pode assim gosar a consolação interior de ter salvado um homem do banco dos réus. Quantos deles se não sentam ali por culpa nossa—quantos!

O nosso Augusto tem recebido uma chuva de presentes de anos, e cartas de saudação, por ter salvo em Valongo, o pequenino larápico que daqui fugira mais ele. São dúzias pequeninas em caixas delicadas, cheias de inteligência e carinho. As mensagens são lidas publicamente, ao levantar da refeição da noite, que por ser a derradeira, é sempre a mais saborosa, por isso mesmo, mais se radicam na alma dos pequeninos, os preciosos conceitos morais que as cartas trazem.

O Augusto quiz ir pessoalmente repartir pelos pobres, 4 pequeninas moedas de prata que vinham com outras coisas, em uma das caixas; — quiz e foi. Levou consigo o Ernesto, que tu já conheces, do episódio aqui relatado. Foi assim reparar o mal que fez e receber a benção do Pobre!

O Julho entrou no meu quarto com um braçado de flores muito frescas, muito variadas e muito formosas. — Quem deu, Julho? — Ninguém; fui eu colhê-las ao nosso jardim.

E começa a colocar nos vasos e a dispor consoante o seu gosto... que é também o meu!

“O Gaiato» costuma chegar às quintas feiras, da tipografia do Pôrto. A's vezes calha entrar quando todos estão no refectório. Arde Tróia

Dai a nada, anda um exemplar a correr mãos e as perguntas faziam: —d coiso; olha se eu lá venho!

O Pardal-sem-rabo saiu de cá, como toda a gente sabe; saiu por causa da tinha, a desgraça nacional, como toda a gente deve saber. Chegado que foi ao Albergue, entregou 50\$00 que achara na rua, como ele disse. Foi muito gabada a honestidade do acto. Eu sabia mais e melhor, mas não é da minha conta falar.

O dinheiro foi colocado a render. Dai a tempos, o rapaz reclama o seu dinheiro.

—Que não.

—Mas eu quero o dinheiro.

—Para quê, rapaz; está na caixa a render para ti.

—O dinheiro não me pertence. Não o achei: Roubei-o ao Padre Américo.

A eficácia da acção nas almas é coisa muito lenta. Os frutos aparecem a seu tempo.

ACABAMOS a colheita das nossas batatas, azáfama de uma semana. Temos dez toneladas delas no celeiro. O povo de por aqui queixa-se do mal que este ano deu nas batatas, a pontos de se terem dado casos de perda total. A nós também nos tocou, mas parcialmente. Apodrecem na terra!

Os lavradores apavorados, comentam a seu modo, fatídica e preguiçosamente: são anos, é andação, foi o frio, é castigo de Deus! E alguns mais avisados, dão no vinte: —são as sementes. Ora eis. Eu também assim cuido.

SENHORA de Oliveira de Azemeis, que tanto bem nos tem feito; fez-nos agora tão mal, com a oferta dos perús! Os encarregados das capoeiras, tem medo de lá entrar—ai que eles feram! E não entram.

Mais nomes: Jacinto Rodrigues Amorim, de Vila do Conde, 25\$; Jaime dos Santos Maia, de V. Conde, 25\$; João Pereira Gonçalves, de Espinho, 20\$; P.º Alfredo Morais Martins, de Touro, 25\$; Berta Bandeira de Melo, de Odivelas, 25\$; Rolanda de Figueiredo, de Odivelas, 25\$; Maria do Carmo Salgueiro, de Odivelas, 25\$; Ana Rosa Correltros, de Odivelas, 25\$; Joaquim Martins Maia, de Anadia, 25\$; Faustino Malheiro, de Paredes, 20\$; Eulália Aurora Ferreira, do Pôrto, 20\$; José Gil, de Cadima, 50\$; Albino Abranches, de Lisboa, 100\$00; Firmino da Cruz Ribeiro, de Braga, parte da assinatura, 9\$; Alfredo da Costa Teixeira, de Braga, idem, idem, 9\$, Rosa Gonçalves Martins, de Espozende, 25\$; José Maria da Cruz, de Espozende, 25\$; José da Silva Correia, de S. João da Madeira, 20\$; Albano de Andrade, do Pôrto, 25\$; Fernanda da Rocha, do Pôrto, 25\$; Dr. Abel da Silva Pereira, da Póvoa de Varzim, 20\$; M.º Vilar, de Lisboa, 50\$; Manuel A. J. Machado, do Pôrto, 50\$; Casimiro Augusto Ferreira, do Pôrto, 40\$; Amadeu Reis, do Pôrto, 25\$; Maria Helena Mesquita Lopes, de Lisboa, 25\$; Dr. Gustavo Neto de Miranda, da Praia da Rocha, 50\$; Francisco Vieira, de Leiria, 25\$; Dr. Alves Correia, de Leiria, 50\$; Maria Vitória Alves, de Coimbra, 25\$; P.º António Rodrigues Alexandre, de Soure, 33\$; António Casal de Carvalho, de Lisboa, 50\$; Augusta Varanda, de Soure, parte da assinatura, 9\$; Clementina Lopes, de Soure, idem, idem, 9\$; José Carlos Guimarães, de Leça

de Palmeira, 50\$; José Pedro, de Celorico de Basto, 26\$; Maria Marques Gomes, do Pôrto, 30\$; Georgina Silva, de Lisboa, parte da assinatura, 10\$; Adélia Dias Ferreira, de S. Braz de Alportel, idem, idem, 10\$; Maria Cândida Lopes, da Foz, 20\$; Maria das Dores Monteiro, do Porto, 25\$; Dr. Fernando Alves de Sousa, do Gerez, 40\$; Dr. Armando Laroze Rocha, do Porto, 50\$; Violeta Cunha, do Porto, 50\$; Conceição Pereira de Sousa, de Gaia, 25\$; Dr. A. de Sousa Valente, de Gaia, 25\$; Maria Luísa Sousa Valente, de Gaia, 25\$; Fernando Baptista da Costa, do Porto, 20\$; Manuel Leite Baptista, do Porto, 20\$; Maria Ferreira da Costa, de S. João da Madeira,

Joaquim de Queiroz, do Pôrto, 20\$; Fernando de Oliveira, do Pôrto, 25\$; José Moreira Alves, do Porto, 25\$; Margarida Lopes, do Porto, 20\$; João Bernardes, da Batalha, 25\$; José Pacheco Nunes, de Vila N. de Gaia, 20\$; Joaquim Tôres, do Porto, 20\$; José Vieira, de Aroosa, 30\$; Zulmira Moreira, do Porto, 20\$; Luís Vieira, do Porto, 100\$; Aureliano Carvalho Martins, do Porto, 30\$; João Uva Cristina, de S. Braz de Alportel, 15\$; Maria Helena Santos Moreira, de Lisboa, 20\$; Maria Tereza Trindade, de Castelo Branco, 20\$; Antero Gandra, de Oliveira de Azemeis, 100\$; Alexandre Ferreira da Costa, de Oliveira de Azemeis, 25\$; Manuel de Basto,

ASSINATURAS PAGAS

20\$; Menino Manuel Joaquim, de S. João da Madeira, 20\$; Menina Ana Maria, de S. João da Madeira, 20\$; Manuel Garcia Moreira, de Paredes, 20\$; Major Rêgo Monteiro, do Porto, 30\$; Branca da Cunha Sotto Mayor, de Monção, 24\$; P.º Alexandre Soares Estêvão, de Entre os-Rios, 50\$; Custódio da Cunha Leite da Costa, de Leiria, 30\$; Joaquim Maria da Silva Maia, de Matozinhos, 200\$; Lavinia Barreto, Professora em Caldas da Rainha, 30\$; Alfredo António Azevedo, do Porto, 25\$; Dr. José Mendes Moreira, de Paredes, 50\$; Sofia de Almeida, de Vizeu, 15\$; Dr. António Emilio Pais, de Lisboa, 30\$; Ambrósio Pereira, de Lamego, 20\$; Américo

de Pinheiro da Bemposta, 25\$; Uma assinante de Oliveira de Azemeis, 25\$; Dr. Orlando Gomes da Costa, de Oliveira de Azeveis, 25\$; Antónia Ferreira Pinto Leite, de Oliveira de Azemeis, 20\$; Leopoldo Correia Barbosa, de Oliveira de Azemeis, 20\$; Ventura Cardoso, de Cucujães, 20\$; Rosa Pereira, de Lisboa, 10\$, P.º Belmiro Moreira Matos, de Rio de Moinhos, 40\$; Carlos de Almeida Mota e mais 22 alunos da Escola do Magistério Primário de Lisboa, 237\$50; Prof. Ubalino Gerales Ferreira, de Ericeira, 20\$; João José Duque Júnior, do Porto, 20\$; Joaquim Marcelino Fernandes Póvoas, do Pôrto, 100\$ mensais; António Marques, do Pôrto,

Venda do JORNAL

Foram todos no Domingo de manhã, na forma do costume. O Periquito, Tripeiro e Júlio, fizeram praça em Espinho, onde venderam tudo.

O primeiro vendedor trouxe uma nota de cem escudos e uma dita de vinte. O Tripeiro, teve 60\$00 de gorjetas, como eles dizem, e o Júlio teve metade, mas foi quem vendeu mais e melhor.

O Tripeiro é muito chorão; aqui em casa, chora por tudo e por nada. Pois também na praia, como não vendesse bem, desata a choramingar. Uma Banbeira, com pena d'ele, comprou-lhe 50 exemplares de uma assentada. No regresso, foi corrido pela malta: —olha o anjinho!

Houve grande disputa, de como e aonde eles haviam de ir comer. Senhores bons, vinham ter comigo à sacristia da igreja, pedir um Gaiato para a sua mesa. Oh Desconhecidos das ruas; como o mundo vos estima!

De Espinho, regressamos ao Porto às 17, onde nos esperavam os vendedores daquela cidade;—Augusto, Amadeu e João. Este último e Oscar, comeram no Hotel da Batalha, por favor do seu proprietário. Eh pá; comi mais de meio quilo de carne, declarou ele aos recém-chegados. Amadeu e Augusto, estavam a zero. Perderam a pista da casa onde costumam ir, à Rua do Rosário!

Traziam as algibeiras cheias de chocolates e bolos, mas não tocam em nada! E' para dar aos nossos mais pequeninos. O João trouxe, além de dinheiro da venda, algumas esmolas e uma carta amiga. O Elvas, trouxe 20\$00. O Oscar, 35\$00 e o Augusto, o da gravata branca, 23\$00. No dia seguinte, mandei-os à Vila das Paredes, aqui à nossa porta.

Mandei a medo, sem grande esperança; eu ando muito escaldado! Pois enganei-me redondamente, e daqui solto um viva com alma aos nossos vizinhos.

Venderam tudo. Trouxeram assinaturas. Trouxeram um quilo de arroz; achei uma oferta tão sacrificada, que a mandei, conforme nos foi oferecida pelos dois gaiatos que a trouxeram, ao Pobre mais necessitado da freguesia de Paço-de-Sousa.

Também foram enviados dois Gaiatos às termas de S. Vicente com magníficos resultados.

idem; Dr. Angelo Queiroz da Fonseca, de Lisboa, 20\$; Albergaria de Lisboa, 30\$; Um assinante de Lisboa para pagamento de 2 assinaturas, 100\$; Joaquim Ferreira Monteiro, de Lisboa, 20\$; Clementina Lopes, de Soure, 20\$; Dr. António Fernandes Leitão, de Lisboa, 25\$; Herménio de

Basto, Oliveira de Azemeis, 25\$; Dr. José Paiva Roles, de Lisboa, 200\$; Maria do Carmo Mendes Godinho de Almeida, Tomar, 40\$; Henriqueta Godinho de Almeida Correia, Tomar, 20\$; Dr. Francisco de Medeiros Couto, Lisboa, 20\$; José de Sousa Teles, Lisboa, 20\$; Carlos Pereira da Silva, Braga, 20\$; Raúl Chaves de Sousa, Lisboa, 20\$; Alvaro de Noronha, Lisboa, 20\$; Maria Helena Berta Neves, Lisboa, 20\$; José Abelana Gomes, Lisboa, 20\$; Pedro Gomes da Silva, Lisboa, 20\$; Julieta S. Freitas, Lisboa, 20\$; Dr. Abel de Andrade Junior, Lisboa, 20\$; Martinho José Baptista, Lisboa, 20\$; José Crespo, Lisboa, 20\$; Mário Chaves, Lisboa, 20\$.

Do que se diz e do que se faz na : Casa do Gaiato de Coimbra :

O que nos traz o correio

Aquele Senhor, do Pôrto, que ofereceu a forja para a oficina do Freitas, quis dar mais uma prova de generosidade, enviando agora um rico torno de mesa. O Freitas anda em maré de sorte. No dia um, véspera dos seus anos, foi ele todo contente, buscar à estação aquela valiosa prenda. Bem haja a «Sociedade de Fundição e Metalurgia» que soube aliar à perfeição dos seus trabalhos, a beleza moral da sua oferta.

Dias antes, um ilustre visitante, que não se cansa de repetir as suas visitas, sempre generosas, fez-se acompanhar de meia dúzia de pequeninos—grandes amigos dos Gaiatos. A' despedida, cada um deles deixou 20\$, para festejar os anos dos que os fizessem no mês de Agosto. Por sorte só o Freitas foi contemplado.

Assim pôde ele ir até Coimbra, comprar a lima, o malho, o serrote e outros instrumentos indispensáveis para completar a tão suspirada oficina.

Precisamente neste momento estou a ouvir as suas primeiras marteladas: é a primeira obra que o ex-vádio executa—uma tenaz para segurar o ferro. Feliz, como o peixe na água, o Freitas já não quer saber de recreio, nem de mais nada. A música do ferro em brasa é para ele, a mais melodiosa.

O povo de Miranda subiu à arvore, como Zaqueu, para ver passar os gaiatos. Parece que gostou, e, agora, quer dar metade da sua fruta aos pequenitos. Tem chovido cestadas de Miranda, de Pereira, Carapinhal, Côrvo, Bujos. Louzã quis associar-se; de lá vieram duas sacas cheias de mais fruta. Um Senhor oferece o jantar aos nossos vendedores de jornais e a Companhia Eléctrica das Beiras encheu-nos a Casa das Colónias de abundante luz.

—De Vila Nova de Miranda; 50\$.

—De Coimbra «em a. g. por quatro belíssimos exames que o meu filho acaba de fazer no 3.º ano de medicina 50\$00. Uma alentejana». Por intenção idêntica: 20\$00. Parece que os gaiatos vão bater o «record» a St.º Expedito...

—De um visitante da Casa de Miranda: 20\$; de outro já mencionado: 10 litros de azeite. Mais outros 50\$.

—De outros visitantes do Lar 50\$.

De Matozinhos, 20\$ de um anónimo, sendo metade para a Conferência dos Gaiatos.

—De Coimbra, mais 100\$00, sendo 80\$00 por determinada intenção já realizada e 20\$00 «para que Deus proteja todos os que me são queridos».

—Na Livraria do Castelo, 20\$00 e da Comissão R. do Comércio de Arroz, 200\$00.

N. B.—Quinzenalmente enviamos para a Redacção de «O Gaiato» a noticia dos donativos recebidos; mas, a distância que nos separa, o atraso da correspondência e extravio da mesma, fazem com que não sejam mencionados tais donativos. Assim passaram em silêncio 500\$00 que foram deixados na Gráfica; 20 litros de vinho oferecidos para os colonos; 20\$00 dum visitante e 50\$00 de outro e outras coisas mais que Deus viu dar, e é quanto basta.

Acta da última Conferência vicentina dos gaiatos de Miranda

A velhinha das Miãs, que comoveu o nosso coração e o dos bemfeitores, já morreu.

A gente deu lhe um colchão, mas a velhinha só se gozou dele um dia. Quando a gente foi ver se ela já estava melhor, já estavam para a levarem ao

cemitério. No dia seguinte, o snr. Padre Américo celebrou uma missa por alma dela e nós mandamos dizer outra. Assistiram tódos os meninos da conferência e comungaram todos por alma dela. Agora o pobre mais necessitado é um velhito que mora também nas Miãs. A gente encontrou-o a dormir numa majedôra, embrulhado nuns farrapos, mas ele agora já não dorme lá, porque diz que tinha muitos percevejos e mudou para um monte de palha.

Além de ser muito pobre, tem uma ferida que lhe vara a perna dum lado ao outro e tapa-a com fôlhas de videira. Já compramos algodão, ligaduras e borato e agora vamos fazer-lhe o tratamento.

Entrou mais uma pobre do Carapinhal. Recebemos mais dez escudos de Matozinhos.

O Secretário da Conferência

João Carlos.

Do que nós necessitamos

Mais 20 livretes de senhas de sopa, mais 7 da mesma sorte e uma pancada de doces secos, mais 2 pacotes de roupas de Lisboa, mais 1 idem, idem, mais uma tarifa de escovas e vassouras de um fabricante da Vila da Feira, mais no Depósito um envelope com dinheiro e um idem. Mais de Coimbra uma caixa com brinquedos e peças avulsas de oiro e de prata, para o cálice. E agora por peças avulsas, tenho a dizer que dentro do pacote de algures com toalhas de linho não topei o oiro velho de que me faz menção na carta. Quem sabe dar coisas tão boas e dizer nas cartas palavras tão lindas, tem muito que dar e que dizer!

Mais 380\$00 de um visitante, mais 200\$00 idem, mais de outros 320\$00. Temos as portas abertas a toda hora e cicerones às ordens; venham visitantes. Mais 150\$00 de um visitante. Mais 20\$00 de uma mãe angustiada do Pôrto; sim boa mãe angustiada, os nossos pequeninos rezam piedosamente por todos quantos nos olham piedosamente. Sofre? E' mulher. Bemaventurados os que sofrem. As coisas verdadeiramente grandes, só se apreciam através do sofrimento.

Mais uma encomenda para o Augusto, do Gerez, mais uma para

o mesmo do Pôrto. Mais 50\$00 de um visitante, mais 65\$00 da Escola de Sobrado, mais 300\$00 de Matozinhos, mais 40 de um visitante, mais 50\$00 do meu primeiro ordenado. Outros teem feito na mesma e até já houve um Licenciado em Ciências que mo deu todo! Mais 50\$00 da Invicta. Mais o mesmo dos Empregados da Vacuum. Isto repete-se todos os meses; é que caminham por gôsto, aliás já se tinham cansado. Mais 100\$00 dos Mangericos e uma carta que vale muito mais. Da capital, 20\$00.

Mais na igreja paroquial de Espinho, à Missa das onze perto, de 4.500\$00. Templo à cunha com muitas senhoras a refulgir!

Mais na Praia, um pequenino que vem dar 100\$00 para os Gaiatos. Mais 20\$00 de um visitante. Mais 42\$00 de um grupo de raparigas e rapazes da vila de Paredes. Chegaram precisamente à hora do nosso jantar. Observaram tudo.

—Ah! Parece que estão em casa deles!

—Não é parece; é que estão!

Mais, do Pôrto, para os seus Gaiatos, por intenção de Nossa Senhora Auxiliadora, um vale de 206\$00. Mais uma lembrança para o honrado Augusto.

FALAS José Eduardo

Eu andava nas ruas a moinar com outros rapazes da minha idade. Uma vez indo pedir a uma casa deram-me uma tijela de sôpa e disseram-me que fôsse lá todos os dias comer, e eu assim fazia.

Roubava por lá, fumava, falava mal, e outras coisas mais.

Cheguei já a roubar uma nota grande, uma mulher, que logo deu falta dela, e foi atrás de mim depois de eu já ter gastado 5\$00 em chocolates. Roubava também pequenas coisas. Pedia dinheiro e dizia que era para minha mãe, e gastava-o mas era em rebuçados ou em cigarros para fumar eu e os meus companheiros. Agora já não roubo, já não fumo, nem ando à moina como andava. Também faltava à escola e foi por isso que eu não fiz exame lá no Pôrto, mas fiz-lo cá na Casa do Gaiato. Agora trabalho já sou roupeiro e bibliotecário.

Sim senhor; fêz exame e provou ser o mais distinto da sua classe. Uma declaração destas vale a obra, que é tábuca de salvação para infinitos deles. Não há no mundo maior força do que a Verdade. Verdade no que eles dizem, no que aprendem, no que fazem. Verdade no comer, no vestir, no ouvir. Silabas, atitudes, expressões;— nós queremos e trabalhamos seriamente, para que os nossos Gaiatos respirem num oceano de verdade. Deus é a Verdade!

Mais no Casino da Figueira da Foz, perante um auditório muito pequenino mas muito bom, colhemos a soma de 3.340\$00, onde não faltou uma lembrança da própria Direcção. A' tardinha, na Esplanada, onde fiz uma pequenina meia hora chique, veio uma creancinha com 100\$ do mando dos Pais, para os Gaiatos, e mais outro tanto com pena de não ter ido ao Casino, e mais um aqui tem 50\$00, mais da mesma sorte outro tanto, mais 20\$, e mais a nota comovedora de um tome lá este anel de oiro, que não tenho aqui mais nada; mais 25\$00 por intermédio de «A Ordem».

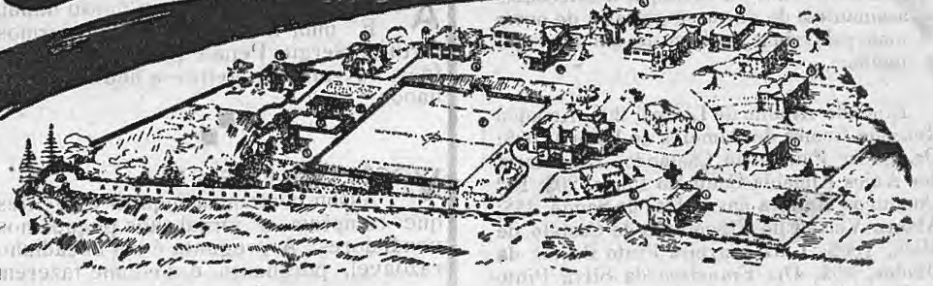
Mais mil escudos no Banco Espírito Santo, para sufragar a alma de Joaquim; eu acredito na vida eterna. Mais alguns objectes de oiro para o nosso calice. Mais na Capela do Convento do Bussaco, de um pequenino numero de Ouintes, um nadinha menos de 4 contos e um baixo, no Luso; mais umas lascas. Estou agora com o pé no estrado para Vidago, depois do que tenciono ir dar um recado à Granja aristocrática, onde as Creanças que me escutam provam ser amicissimas das para quem se pede. Teem sido Elas, na verde, que vão em redor pedir.

E mais nada.

Casa do Ardina
L. G. LÓRIA, 29



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Porto
PACO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

TINTAS FORTES

◆ A nossa Capela ◆

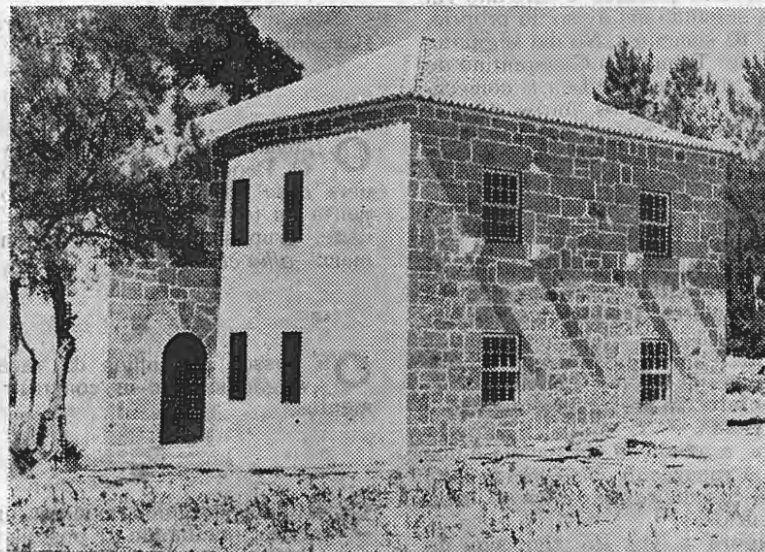
O rosto desta casa portuguesa e de outras que já se levantam dentro da nossa granja, reclamam naturalmente vida e costumes à moda de Portugal. Os cachorros das janelas, pedem vasos de flores. A entrada, alpendres de verdura. Os beirais, ninhos de andorinha!

Estamos a entrar no tempo das colheitas, tendo já malhado e limpadado o nosso pão de pragana. Os mais pequenos da casa vão agora por cestos de espigas de milho e feixes de rama de feijões que outros maiores colocam na orla dos campos. No antigo celeiro dos irades, estão batatas às toneladas e maçãs para as merendas de inverno. Se não podemos fazer conservas de compotas nem marmelada, guardamos e servimos consoante as nossas forças. Os Rapazes, alegres e felizes como as abelhas, delectam-se na recolha de coisas que já mais viram, sabendo que delas tiram o seu alimento; é a vida de braço dado com a vida.

Cachos pendentes de extensas ramadas, trazem a população em alvorçõ permanente e os pedidos instantes são de cada minuto: *um cachinho!*

Já se marcou o sítio para a sementeira do linho. Os nossos Gaiatos não-de vê tapetes azuis de linho em flor. Não-de arrigá-lo por suas próprias mãos. Ripar a baganha, metê-lo no rio, estendê-lo nos montes, levá-lo ao engenho. Não-de vê a espadela, o cedeiro, a roca, o tear. Havemos de levantar o linho caseiro às alturas de onde o deixaram cair; reparar o o ultraje; ensinar o povo a encontrar o fio das meadas, regressar às tradições, ser português dentro de Portugal.

Por uma falsa noção de economia doméstica, a gente das nossas aldeias teve a rara habilidade de enriquecer as indústrias dos tecidos de algodão e ficar vestida de farrapos, na maior das misérias! Trocou o bragal de cor imaculada pela miragem das anilinas. Preferiu a *anguinha de cheiro* ao perfume da alfazema. Cortou a roda às saias. Já se não diz com verdade que



Casas portuguesas, para servir uma obra portuguesa, em terras de Portugal.

meia moça está na caixa. Pois que teem elas nas caixas, senão farrapos de andor! Oh gente desgraçada que vais assim no turbilhão!

Nós outros olhamos para a cultura do linho na nossa quinta como um factor de economia rial e documento de tradição. Não é seguramente tarefa de um ano, mas dentro de meia dúzia dêles, trazemos os habitantes da nossa *aldeia* de camisas de estôpa e calças do mesmo tecido. Casacos e blusas que são hoje a *grande moda* de verão, serão a moda grande de todo o ano, por amor à nossa pobreza. Lençóis de cama, toalhas de mesa, panos de cozinha. Ano a ano, havemos de povoar as arcas, vestirmo-nos com roupas de durar, acumular verdadeiras riquezas.

Quem sabe se desta sorte, não vamos fazer na região escola normal?! Acordar o povo. Libertá-lo da miséria. Bastar-se. Levá-lo aos usos da serguilha. Fazer indústria caseira—quem sabe? As grandes indústrias, num povo sem preparação moral, deslocam o fiel das balanças e erguem os pratos vãos, que são justamente êsses milhões de braços a clamar aos céus.

«Quando as estradas se ligarem umas às outras, temos o fim do mundo—dito dos velhos. Ele há muita filosofia nesta hipérbole. Os agentes novos que veem pelas estradas fora, deviam encontrar reagentes. O Bem vence sempre e vence tudo. Na tentação do deserto, foi Jesus quem venceu as três arremetidas do Mal. O pior é que não tenho visto por estas terras reagentes.

Entrou a dissolução na lareira e está tudo dito. Não aparece, ou aparece muito pouco, a fôrça moral do *não posso*. Do *não devo*. Do *não quero*.

Senhores leitores dêste jornaleco; não são de dizer a ninguém as amarguras de quem o escreve. Não são, não senhor. Quando me lembro que dentro de dois anos tenho dezenas de moços para lançar num mundo, onde as estradas chegaram antes de se aprender a andar nelas; quando penso em tal, meus senhores e meus amigos, só me resta o apêlo do Pescador da Galileia:

«—Senhor, para onde devemos de ir, se sòmente tu tens palavras de vida eterna!».

As paredes já emergem do solo. Artistas queimados do tempo, empoleirados nas pranchas, assentam pedras a cantar:—«anda lindinha, anda!»

As melhores árvores das redondezas foram chamadas à serra. Homens afeitos à arte, polvilhados de serrim, armam estaleiros, contentes. A serra dêles, macia, abre os madeiros sem dor; não é a estridência da fábrica. Vamos plantar a Cruz.

«Aprove a Deus salvar os homens, pela estultícia da Cruz.»

Tens páginas brancas diante de ti, onde podes escrever as ofertas: Paramentos, roupas de linho, ornamentos de altar, oiro para o nosso cálice.

Tive na minha mão um tão formoso, que serviu agora na Catedral de Lourenço Marques!

Sim; tive. Quem me diria naquele tempo, que eu havia de chegar a ter necessidade dêle?! Ando por êsse mundo sem norte nem programa, vivendo das tribulações de cada dia, sem se me dar do que hei-de comer nem do que hei-de vestir,—para que o nosso Bom Deus faça tudo e eu nada.